



Notas em mimese.

Notes on mimeses.

Fernanda Verdasca Botton.¹

Resenha de:

BRESSANE, Ronaldo. **Essa história está diferente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, 301p.

Comum entre os clássicos, o costume de escrever novos textos a partir do cânone literário é, por vezes, mal recebido pelo público de nossa contemporaneidade. Hoje em dia, o artista deve ser original, proclama a voz quase uníssona dos que recebem as obras de arte, mas esquece-se a mesma voz que famosos cantos – **Os Lusíadas, Lucíola, Dom Casmurro, O evangelho segundo Jesus Cristo**, dentre outros – foram criações feitas a partir de textos já existentes. Camões, Alencar, Machado de Assis e Saramago leram obras canônicas da literatura e provaram que a capacidade de recriar mostra não só a grandeza de um escritor, mas também as várias possibilidades de um mesmo tema literário.

A proposta é ousada e, como diria Horácio em sua **Epístola aos pisões**, pode mostrar tanto a grandeza dos verdadeiros escritores quanto a mediocridade dos que são apenas tradutores fiéis ou imitadores incompetentes que devem cair no “buraco estreito” da vergonha.

Criar contos a partir de músicas de Chico Buarque de Holanda é a proposta ousada feita por Ronaldo Bressane no livro **Essa história está diferente**, lançado pela Companhia das Letras em maio de 2010. Desafio aceito pelos autores Mia Couto, Cadão Volpato, Luis Fernando Veríssimo, João Gilberto Noll, André Sant’anna, Carola Saavedra, Mario Bellatin, Rodrigo Fresán, Alan Pauls e Xico Sá. Leitura surpreendente a revelar, nas linhas

¹ Doutora em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Professora de Teoria Literária, Literatura Brasileira e Portuguesa da UniABC.

melódicas de novos cantos, a beleza de (re)criar a partir de um canto já existente.

Para exemplificarmos tal qualidade do livro, observemos alguns aspectos do conto **Olhos nus: olhos**, escrito por Mia Couto.

Já no título, o adjetivo “nus” e o sinal gráfico de dois pontos mostram a imagem lírica do que seriam os **olhos nos olhos**. Sendo assim, a expressão escolhida como imagem inicial pelo autor moçambicano desvela que o conto não perderá o poético comum ao gênero musical.

O eu-lírico feminino torna-se uma das personagens principais do conto e passa a ser denominada de Clarice e quem a “deixou”, a fez “morrer de ciúme”, “enlouquecer”, João Rosa. E o motivo da discórdia, acrescentado por Couto ao texto de Buarque, uma outra mulher, Adélia.

O enredo do conto é simples, um homem envolve-se com outra mulher, mas, apesar de sair da casa familiar, deixa lá pertences que ainda o prendem ao passado. O limar da pena, para usar expressão horaciana, é que faz do conto uma nova obra de arte.

A sexualidade de Adélia fascina o amante, mas as linhas sensuais do corpo dela não são capazes de desvendar “os ocultos enigmas da vida de João Rosa”.

João é Rosa e a rosa é simbologia da fertilidade, da união entre filhos e progenitores. A mãe, ao saber da separação entre ele e Clarice, diz-lhe que “ninguém se separa”, que ele, como filho, sempre será parte dela; na ambigüidade dos conselhos é criada uma simbiose entre mãe e esposa. O pai de Clarice a ela conta histórias, nas imagens poéticas de uma mulher que dá luz aos filhos após enterrada, o poeta pai confunde-se com o amante das palavras, João Rosa.

João tem olhos negros e “a paixão que sente é um fio de chuva em vidro de janela”. Os olhos de Clarice são mareados de choro. A chuva permeia todo o conto. Ao discursar, João verte uma lágrima por causa de um foco de luz “direto sobre o rosto”, lágrima pela claridade, lágrima por Clarice. Ao ouvir uma música de Chico Buarque, os olhos de João tornam-se azuis como o mar. O prazer de Clarice “é vê-lo convertido em gota de chuva”. Clarice chora, em

seus olhos habitam um “pó que avermelha os olhos”. Adélia vê os olhos vermelhos de João; colírio, a nova amante pensa ser a solução para o mal externo, mas só Clarice sabe decifrar o enigma, os olhos dele são os dela, as gotas de chuva no vidro da janela ecoam outra música de Chico, nas palavras de Couto, “Ó pedaço sem mim”... Nas palavras de Chico, *Ó pedaço de mim*.

Por fim, na música *Olhos nos olhos* é dedicada uma estrofe ao sofrimento da mulher abandonada e, à mulher refeita, remoçada, amada e feliz, três. No conto, o narrador em terceira pessoa onisciente delinea os detalhes do sofrimento amoroso, tanto do homem quanto da mulher e, mesmo quando Clarice se lembra “de viver”, o sofrimento de Rosa são “gotas de chuva em vidro de janela”. Neste sentido Couto parece saber, como diz Rosa, que “A poesia aprende-se sendo feliz. Mas só sabemos que sabemos quando somos infelizes”. Os leitores agradecem, pois quem ouviu a letra e a melodia que constroem a música de Chico com elas com certeza chorou por amor despeitado, mas sempre sofrido.

Surpresa grata ser embalado por antigas notas, surpresa iluminada essas antigas notas comporem uma tão nova e inebriante obra.

Os demais contos ao leitor cabe desvendar como é possível, no dizer da declamadora de **Os fantasmas do massagista**, conto de Mario Bellatin para **Construção** de Chico Buarque, mudar “completamente o efeito que os cantores tinham alcançado com seu público”.